

Mailson acha que mercado será receptivo ao Brasil

Da Sucursal

São Paulo — “Foi um grande avanço”. Esta, em resumo, foi a opinião do ex-ministro da Fazenda do governo Sarney, Mailson Ferreira da Nóbrega, sobre o acordo firmado pelo Governo brasileiro, com os bancos privados internacionais, para pagamento dos juros atrasados da dívida externa.

Segundo Mailson, “o governo brasileiro parece ter reconhecido que não vale a pena manter uma atitude de desgaste com a comunidade financeira internacional”. Segundo Mailson, “isto provoca uma deterioração da imagem do País, dificuldades nos negócios, redução nas chances de financiamento para o comércio exterior e torna mais demorada a reinserção do Brasil no mercado financeiro internacional”.

Imobilizado por um colete de gesso, em consequência de problemas na coluna, Mailson disse ontem, durante o seminário internacional promovido pelo Instituto Fernando Braudel de Economia Mundial, em São Paulo, que “o Brasil tem grandes chances de voltar ao mercado” e que “o México, o Chile e a Venezuela estão mostrando isto”.

Direção correta — “Acho que o Brasil passou a agir na direção correta” acrescentou Mailson da Nóbrega, que sempre foi um ferrenho crítico da equipe econômica do presidente Collor. Para ele, “o acordo, nas condições que foi anunciado, é bom para o Brasil”, porque “alivia bastante o peso da dívida externa”. Mas, “acima de tudo, mostrou que o Governo aprendeu com a experiência e com os debates com os credores e parece caminhar na direção correta”.

Mailson entende, entretanto, que “a segunda fase vai começar agora” e que “o mais difícil será negociar o estoque da dívida”. E acrescentou que “a avaliação dos especialistas internacionais é de que o Brasil tem todas as con-

dições de conseguir um amplo acordo, num prazo relativamente curto”.

“Vai depender — segundo o ex-ministro da Fazenda — tão somente da capacidade que o Governo tem de avaliar melhor o ambiente em que os negociadores operam, abandonar uma certa postura de arrogância e entender melhor como são as forças que interferem neste processo e as vantagens que o Brasil pode ter com uma negociação favorável”.

Melhor que 88 — Com base em sua experiência de longos anos de Ministério da Fazenda, como assessor, secretário-geral e ministro, Mailson da Nóbrega lembrou que “a cada negociação os resultados são melhores que os anteriores”. E que “isto aconteceu com o México, Argentina, Chile, Venezuela, Costa Rica e Filipinas”.

“Aliás — acrescentou — o Brasil e a equipe negociadora tem o dever de conseguir um acordo melhor do que o de 1988”, porque “hoje as condições são diferentes, os bancos estão melhor preparados para absorver uma parte do prejuízo, há um apoio internacional maior e programas de redução de dívidas”. E, na opinião de Mailson da Nóbrega, “tudo isto favorece uma negociação para o lado do Brasil”.

Boa receptividade — Importante, no caso, para o ex-ministro, “é o Brasil perceber que a questão relevante não é necessariamente esta capacidade de pagamento”. Mas, “a capacidade de recriar as condições para uma boa receptividade do País nos mercados financeiros internacionais”.

O México, segundo Mailson, está novamente dando o exemplo, porque em 1990, “após uma negociação que foi considerada fraca pelos brasileiros”, conseguiu 8,4 bilhões de dólares, entre investimentos e recursos novos, contra apenas 400 milhões de dólares do Brasil.